

QUINTA-FEIRA
Lisboa--2 de Julho de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

207

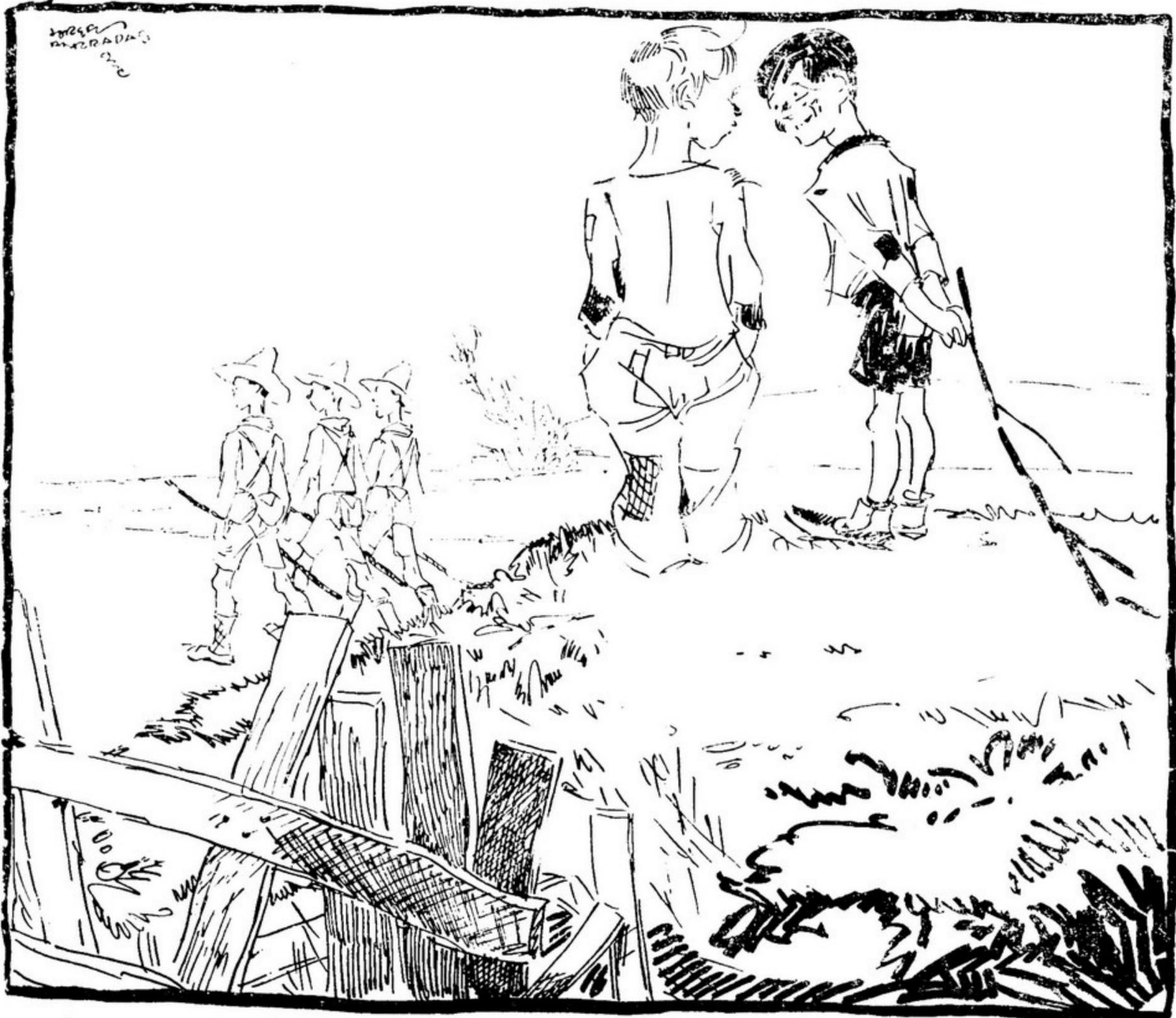


sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57



- Sabes? O meu pai tambem é «escuteiro».
- Então não é guarda-portão?
- E'. Mas lá na rua chamam-lhe «escuteiro», porque está sempre á escuta...



Os ditos da semana



O beijo O dr. Oldfield fez em Inglaterra uma conferencia defendendo o beijo da accusação que se lhe faz de ser perigoso para a saude. Diz ele

—O beijo não tem como consequencia como se diz a transmissao de milhares de microbios nocivos. Se um homem beija uma mulher e lhe transmite um bilhão dos seus microbios, resta, por sua vez, um bilhão dos seus, e por isso o que se dámos, relativamente á evolução, é muito pouco. Este intercambio de microbios não produz nem a doença nem a morte.

Por aqui se vê que esta confirmada a doutrina do Padre Patagonia. Os microbios comem-se uns aos outros, tal qual como os grilos do abalixado cético. Ha é claro, no beijo alguns microbios que não são comestiveis, mas esses são os microbios de amor, que, depois do beijo, costumam apresentar-se com maior virulencia.

Feita assim a deleza do beijo, já vê, gentil leitora, que não ha perigo nenhum em nos dares a tua boca para o voluptuoso beijo de amor que o portuguezinho valente aprecia e saboreia sem contagiar nem ser contagiado. Posto isto, venha de lá esse chocho.



Velocidades Não pode negar-se que estamos em pleno seculo das velocidades. Para o provar basta ler o seguinte telegrama de Londres para os jornais:

LONDRES 24.—Ontem, em Badjore, foi batido um recorde interessante:

Foram fotografados alguns carteiros tratando a lá e feito o fato correspondente em 3 horas e 20 minutos. O fato foi cortado pelas medidas do ministro dos Dominios que o usará na sua viagem á Canada. (H.)

No dia seguinte não veio, mas podia ter vindo o seguinte telegrama:

—O ministro dos Dominios vestiu o fato ás 11 e um quarto, ás 11 e quarenta estava roto, ás 11 e 50 dava entrada, na qualidade de trapo, numa fabrica de papel e ao meio dia estava a imprimir-se nele esta noticia. Famoso! Espantoso! Verdaderamente maravilhoso.

Agora a explicação da rapidez com que o fato se rompeu. Tendo vestido o fato novo o ministro dos Dominios saiu para o campo de passeio.

O nosso concurso

Parodia á quadra premiada no "Diario de Lisboa"

Já que estão em moda os concursos, o "Sempre Fixe", que é um dos primeiros jornais do mundo, não pode ficar atraz. Abre tambem o seu concurso de parodias da quadra que foi premiada em primeiro lugar, no concurso do "Diario de Lisboa.":

**Tenho uma nodoa no peito,
Uma nodoa e um cansaço,
Que me ficaram do geito
De dormires no meu regaço.**

Quem tiver unhas é que toca guitarra, que é como quem diz, é que se habilita ao nosso unico premio que consiste numa assinatura do "Sempre Fixe", até o fim do ano.

Pode concorrer toda a gente, desde que a quadra venha decentemente vestida, e não ofenda os bons costumes nem os concorrentes do "Diario de Lisboa". A parodia tem de ser, emfim, absolutamente potavel, sem nenhuma semelhança com a agua do sr. Carlos Pereira. E venham as parodias, até o dia 31 de Julho proximo.

Quatro passos dados, apparecem-lhe dois cordeiritos a gritar desabaladamente:

—O, mãe, o mãe, o mãe...

E, sem que o ministro dos Dominios tivesse tempo de se

defender, desataram a mamar no fato que ainda lhes cheirava á lá e á tela materna.

Preçalços do progresso. Desvantagens das velocidades.

Dr. Benard Guedes



Chefe do serviço de Radiologia do Hospital Escolar, director chefe do Instituto de Cancro, um medico illustre que vê a gente por dentro e por fóra.

Anuncios Do nosso fornecedor especial, com a devida venia recortamos, para que o publico os saborei, os seguintes anuncios:

Cavalheiro

Novo pulito e viajado, sem familia no pais, e actualmente preso, deseja trocar correspondencia com senhora bondosa. Resposta a este jornal ao n.º 158.

Se antes do delicto tivesse tido o cuidado de se deixar prender dos encantos de qualquer das muitas senhoras bondosas que por aí abundam, já não precisava agora de recorrer ao anuncio.

Não ha nada como estar preso pelo beicinho.

I. M.

Gostas muito de mim? Adoro-te! Para meu sossego escreve, tua sabes, n.º 132, estejas á janela quando passo. Nada receies. —J. M.

Socsegue que a pequena sabe o nome da rua. Assim o senhor soubesse gramatica. «Estejas á janela» não lembra ao biabo.

Cada vez se nota mais a falta de escolas.

Vitalidade

Manifesta-se rapidamente, cheirando a planta dos tropicos. 10 Esc. Rua Renato Baptista. 21. 1.º.

A's vezes os grandes remedios estão em pequenas coisas. Efectivamente o perfume da planta dos tropicos, ai pelas alturas da zona tórrida, dá vida a um morto.

M.

PROCURO entregar-te o.

Não diga mais. E ela estará pelos ajustes?



Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas.	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

TERMINARAM no domingo passado os espectáculos da companhia mulata.
Que pena!...

■ ■ ■

O *Ai-ló* foi um êxito retumbante! Boa piada, bom guarda-roupa, boa música, boas marcações e bons cenários.

Temos a certeza que a *marcha do Ai-ló* vai durar até ao próximo S. João!...

■ ■ ■

NUMA revista que recentemente se estreou num teatro popular, os autores mandaram substituir os seus nomes que estavam no cartaz pelos pseudónimos *Um e Outro*.

O publico fez comentários e perguntava quem seria «o da ideia». Comentário dum espectador:

— Ora! Tão bem é *Um* como o *Outro*!...

■ ■ ■

QUANDO a companhia do Trindade esteve em Braga, a corpulencia de Chaby Pinheiro foi muito notada. Houve quem supuzesse que ele, com aquela gordura, não podia trabalhar, nem sequer mexer-se!

Puro engano! Chaby Pinheiro, que esteve agora em Badajoz, assistindo á tourada, foi dos portugueses que mais se salientou pelo ser *sátero*.

■ ■ ■

CHAMA-SE *Canto da Cigarra* a nova revista do Variedades.
Quem fará de *formiga*?

■ ■ ■

O simpático Macedo e Brito passou a andar outra vez acompanhado.

Largou a *solitaria* que tinha...

■ ■ ■

FEZ bem a empresa do Maria Vitoria em colocar na sala ventoinhas.

Quando na revista *Vira o Jazz* se exhibe o numero «Cega-rega do Amor», não ha nenhum espectador que não fique afogueado. E o Carlos Leal que o diga, que apanha um destes calôres!...

DINA TERESA



Dina Teresa, ladina e encantadora artista, depois de triunfar no fonofilme «A Severa», resolveu voltar ao teatro, para poder ouvir as palmas dos espectadores. Que isto de ser aplaudido por uma platela entusiasmada, não é coisa que se despreze... E, assim, a «Severa» surge-nos viva, todas as noites, no «Ai-ló» que ha-de levar ao Avenida toda a população de Lisboa.. e mais que uma vez.

NA *premiere* dum revista, recentemente efectuada, um antigo politico e homem de finissimo espirito, vendo que os autores, no final, não apareciam para receber não diremos os aplausos... disse:

— Ao menos que apareça a «febrasilha» dum autor!...

■ ■ ■

A crise do teatro!
O Maria Vitoria e o Avenida tem em scena duas revistas que são dois triunfos.

O publico tem corrido em massa

aos dois teatros, esgotando as localidades.

Com peças boas... não ha crise! Haverá, quando muito, é crise de lugares...

■ ■ ■

ENCONTRA-SE na Serra da Arrabida, procedendo a investigações, o actor José Gumbóia.

Este artista, que fez um achado arqueologico de grande valor, fará brevemente a sua apresentação á Associação dos Arqueologos.

Ao que nos consta, trata-se de uma peça de teatro da idade da pedra...

O actor Erico Braga vai expiar, no verão, o Trindade, com *v. deville*.

Até já sabemos como se chama o primeiro: *Meninos de Ouro*. Um dos meninos é o nosso Erico. E que menino!...

■ ■ ■

O *Bicho Careta*, afinal, sempre tem uma cara muito feia! No palco representou-se o *Bicho* e o publico fez a *careta*...

■ ■ ■

CONSTA que a Casa Nestlé pediu ao actor Costinha uma fotografia do personagem *O Menino*, que ele faz no *Vira o Jazz*.

Sabemos que aquella casa está na disposição de publicar a fotografia nos jornais, com esta legenda:

«*Veja esta criança, alimentada com farinha Nestlé!*»

■ ■ ■

A ultima revista da companhia paulista, intitulava-se: *Dêixa eu morar com você?*

Artistas de mais já nós cá temos! O melhor é irem *morar* de novo... para o Rio de Janeiro.

■ ■ ■

FRANCIS aparece no *Ai-ló* bailando admiravelmente, devendo-se a ele todas as lindas marcações da revista.

Até canta... e de galão!...

■ ■ ■

O actor Silvestre Alegria foi convidado por varias empresas estrangeiras para entrar em filmes.

O negocio não lhe cheirou, porque Alegria é *ad...inho*...

■ ■ ■

FEZ anos no sabado a atriz Georgina Cordeiro, que está trabalhando, com grandioso êxito, no Maria Vitoria.

Georgina pediu-nos muito segredo, mas nós não resistimos á tentação de dizer quantos fez: 75.

E ela que ainda para ai a dizer que tem, só 26!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

Concurso das quadras do «Diario de Lisboa»

Que rico abafado castanho
A minha madrasta tem!...
Ai! que saudades eu tenho
Do chale da minha mãe!...

E' mau? Só tem inimigos?
Diga o mundo o que quiser...
Tem de ter muitos amigos
Quem tem tão linda mulher.

No teu cabelo castanho
Eu não me afogo, querida,
Sómente porque não tenho
Nenhum seguro de vida...

Se os teus olhos fossem contos,
Não eram contos escuros...
Eram «contos» de modista,
Um rosario d'amarguras...

Pisco, pisco, catrapisco...
Eu não sei catrapiscar!
Quero parceiro pr'á busca:
Não sou carta de jogar!

Minha mãe não me quer freira:
Quer ser sogra e ser avó.
Stou farta de ser solteira...
Custa muito dormir só!

«Coitado!» — dizes com pena
De teu marido doente.
Mesmo quando tem saude,
«Coitado...» — diz toda a gente.

Antonio manda-me um saco
Com restos das tuas bilhas.
Ha muita falta de caco
No Continente e nas Ilhas.

Se algum sapo me dissesse
Como fascina a doninha,
Eu talvez inda pudesse
Fazer-te minha... e só minha!

Oh! quem me dera ser sapo
E tu a doninha melga,
P'ra te passar ao meu «papo»,
Como o cão passa a manteiga.

Aos teus olhos, mal despontas,
Não ha ninguem que resista;
Tão negros que lembram contos,
Duas contos... de modista.

O teu sorriso que embala
E' pontaria certa.
Como que um tiro, uma bala
Que me acerta na carteira...

Julguei-te «Rolls», minha amig!
Mas enganel-me na idade.
E's uma berlinda antiga,
De muito má qualidade...

Desdenha de mim; bem vê
Que assim se pode afirmar:
Quem fala como você
Decerto que quer comprar...

Que nunca vou á igreja?!...
Para quê, se não preciso?
Tenho o Senhor em teus olhos,
No teu seio o paraizo.

Que te pintas, dizem todos,
Não me dá isso cuidados.
O, anjos do Ceo, por modos,
Alguem viu sem ser pintados?

Andas a puxar á nora
P'ra que eu namoro te dê.
Não sabes que quem namora
Puxa á nora mas não vê.

Donzela que, sendo honrada,
Com... «liberdades» não cora,
E' como a fruta sorvada,
Que é só bonita por fóra...

Santo Antonio de Lisboa
Tem um poder nunca visto:
E' consul de Portugal
No reino de Jesus Cristo.

Certo dia del-te um beijo
Ao de leve, de fugida;
Ficou-me um grande desejo
De repetir a partida.



Ela: — Gostava de saber quem é o artista que pintou este quadro!

Ele: — Sr. ou, minha senhora.
Ela: — Era porque gostava de saber quem tinha sido a modista que fez o vestido...

Graça dos outros

Ela, linda: — Sonhei com um homem muito bonito, o meu ideal, que pedia a minha mão...

E'c, feio: — E o que lhe respondeu?

Na praia:

— Porque estás tão triste?
— Porque foi aqui que minha mulher se afogou.

Mas tu casaste logo com outra, por sinal uma formosura.

— Sim, mas não quero tomar banho...

Ele: — Sou tão feliz que era capaz de beijar toda a gente...

Ela: — Ouve, Jeanito, agora que somos noivos, e preciso que abandones os maus costumes de solteiro...

Entre amigos:

— O animatografo dá-me horas de verdadeiro prazer!

— Mas tu vais lá frequentes vezes?

— Não! Minha mulher é que vai; eu vou para o teatro...

O medico: — Desde que o trato, você parece outro homem.

O doente: — Se é assim mande a sua conta... ao outro homem!

No bar:

— Tu bebês cognac como se fosse água!

— De medo algum: não podia beber tanta água!...

O cliente, indignado: — Que trabalho é este?! A primeira vez que vistes este casaco arrebentaram as costuras!

O alfaiate, tranquilo: — Isso só prova que, cá na casa, sabem coser os botões...

Sufragio:

Ela: — Que desgraça, Artur! O barco vai ao fundo!

E'c: — É a ti que te importa, se não é nos o?...

Entre noivos:

Ela: — De que instrumento gostas mais: do piano ou do violino?

Ele: — Do violino! Sempre é mais fácil atirá-lo pela janela fóra, quando nos aborrece...

O pai: — Quando fóres mais crecido has de ganhar muito dinheiro, como o papá!

O meudo: — Preferia gastar muito, como a mamã...

Tac-Tac-Tac

Eu sempre fui como certos bebados que, sempre que sentem vomitos, monologam com ar severo: «Não ha direito dum homem sério beber assim!» E, no outro dia, recomeçam. Eu tambem não tenho emenda!

Ora quantas vezes eu disse e repeti: — Com o Valerio, nem para o céu! E zás — lá me meti eu outra vez em negocios com ele. Foi naquela combinação do passeio a Mafra, no automovel do João Solteiro.

Eu ia ao lado do Valerio e a precisamente a pensar: — Não tenho vergonha nenhuma! Eu que digo que com este tipo nem para o céu...

Nisto tate parece que Deus me castigou... o Solteiro viu passarinho novo e, numa volta... estampou com o carro de encontro a uma arvore que bordava uma ribanceira ingreme como um chifre de zebu.

Eu senti, logo a seguir ao enorme estardalhaço, umas grandes dores nos rins; depois, pareceu-me que o corpo pesava como chumbo, enquanto outra parte do meu cr se elevava pelos ares arriba, assim como quem avôa com azas e tudo.

A coisa foi assim andando até que me encontrei a uma porta toda de lapis-lazuli e coral, envolto em nuvens resplandecentes. Havia muita gente á porta.

— O que é isto? — perguntei a um senhor de idade avançada que limpava os oculos a meu lado.

— Isto aqui é a porta do céu. Eu olhei em volta e, vendo tanta gente ordinaria, desconfiei da faturação.

— Isso tambem eu queria!... — riposteii logo. — Então o cavalheiro julga que eu acredito que toda esta enxada vai entrar no Paraizo?!

— Não seja impaciente! — aconselhou-me o cavalheiro. — Não ferva em tão pouca agua. Isto está assim concorrido porque saiu ontem um decreto concedendo uma amnistia geral. E você teve muita sorte. Foi morrer e entrar no céu...

Ele a dizer isto e eu a dar com os olhos no Valerio (muito brutilho, graças a Deus!) a empurrar toda a gente para entrar mais depressa.

Eu estava fóra de mim de pasmado. E pensava: — «Isto não pode ser! Já eu estar aqui a entrar no Paraizo, sem dificuldade nenhuma, já é obra de todos os diabos (sim! porque eu, afinal, tambem não sou nenhum santinho...) Mas o Valerio entrar no céu!... o Valerio!!!...»

Lembrei-me do que, em tempos, soleremente afirmara: «Com este tipo nem para o céu!»

— Olhe, Senhor São Pedro, já agora espero por outro centenário de Santo Antonio, para aproveitar a amnistia geral...

— Mas então porque assim hesitas, filho?... — perguntou-me paternalmente S. Pedro (que me conhece desde pequenino porque eu nasci na freguesia de S. Pedro).

— Porque — respondi com firmeza — com este tipario, nem para o céu.

S. Pedro reforçou a vista com dois pares de oculos.

— Como te chamas? — interrogou.

— Valerio! — respondeu o propriamente dito.

— Ah! — exclamou, rindo, S. Pedro. — O Valerio mereceu?

— Eu mesmo!

E Valerio, ao dizer isto, deixou cair qualquer coisa no chão. Foi-se a ver o que era.

Os anjos das informações apuraram que era um resplendor de latão, que o Valerio levava para o céu na intenção de o trocar sobrepticamente pela aureola de ouro fulgente de S. Pedro.

O velho Perteiro do céu foi implacavel.

— Volta para traz, Valerio! A amnistia geral não abrange os reincidentes.

E pregou-lhe com um nuvem nas ventas.

E eu, quando acordei (porque isto foi um sonho apenas) achei-me a mensa graça na attitude de S. Pedro.

CIRANO DE VELHOFRAC.

Bom remedio

O sr. Silva e madame Silva davam-se á maravilha.

Dir-se-hia que Deus os talhara um para o outro, tal a união, tal a concordia que havia no lar da rua do Salitre.

A sr. Silva era moça e bonita, mas magra em extremo e quasi desprovida de seios.

O sr. Silva que, como bom comerciante, accumulara uma regular fortuna e uma regular gordura, não tinha um grande fatcaz pelas mulheres como a esposa.

Gostava dela, porém, e, como *noblesse oblige*, foi sempre, em todos os casos, um esposo excelente, de grande dedicacão. Mas, quando passava na rua uma mulher de grandes seios, o Silva sentia que qualquer coisa o atraia para essa mulher. E sonhava então, acordado, nas delicias de ter uma mulher assim, forte, vigorosa.

Nunca, todavia, o dissera á esposa, receoso de maguá-la.

Um dia, uma amiga da madame, sabedora dos gostos do Silva, comunicou-lhe da tentacão que o marido sentia ante uma mulher forte.

A pobre ficou desolada e, no desejo de obstar a que o marido a enganasse, pensou maduramente na maneira de o evitar.

Usar qualquer droga das annunciadas nas gazetas não lhe parecia muito recomendavel. Resolveu, por isso, consultar um medico — o dr. Silveira. E, uma tarde, a senhora Silva saiu, contentissima, do consultorio da Avenida, levando a receita dumas hostias salvadoras — umas hostias que em meia duzia de dias lhe fariam crescer o seio.

Aviada a receita, não fôse o marido descobrir a caixa salvadora, quando ele chegou para jantar, preveniu-o de que, tendo acompanhado a mãe ao medico, aproveitara a occasião para o consultar tambem e que ele lhe recebera umas hostias que deveria tomar todas as noites, ao deitar.

— Mas então que ha, sr. Silva? — preguntara o dr. Silveira — Tem tomado o remedio e sente-se melhor?

— Oh! sr. doutor! Não me faizem isso.

— Que é, homem?

— Estou atrapalhadissimo...

— Bem... Vamos lá ver...

— Não... Não merece a pena, sr. doutor. Mesmo eu tenho um certo acanhamento...

— Mas tem tomado o remedio?

— Sim, sim...

— E o resultado?...

— Muito bom, não haja duvida. Tão bom que já não posso trazer o peito sem *soutien-gorge*...

O PROGRESSO



— As nossas avós escorregavam e caíam, mas de vagar... Nós hoje caímos a 100 á hora...



— E quando ela, pobre victimas da sociedade, se ia afundar... Já sei, serviste-lhe de boia de salvacão.

De bom comer

Dizia um amigo nosso que coisa desgrazada era para um homem o ser solteiro. Mas que, pior do que isso, só havia uma coisa: ser casado.

E esse amigo, que aliava à sua apreciável situação de celibatário a posição de homem rico, fazia considerações sobre considerações acerca do casamento — coisa horrível, dizia ele, sobretudo quando a caia metade tem um palmo de cara gentil.

Abundamos da opinião do falado amigo e tão sinceramente que, até hoje, ainda não lamentámos o estado de celibatário em que nos encontramos e pretendemos viver para socego nosso... e da provável esposa.

E se outras razões não viessem em auxílio da nossa opinião, bastava-nos a legião de maridos enganados para nos fazer desistir de qualquer propósito casamentário. Não nos referimos apenas à legião de enganados nacionais, referimo-nos também à legião estrangeira que, por estatísticas preváveis, deve contar a bonita soma de três milhões por mês.

Mas veio a propósito do caso que ontem nos contaram, caso vulgar de *cocuage*, mas sem tragédias, sem sangue.

Mas vamos à história:

Ela: quarenta anos bem puxados, fartando-se de ser feia.

Ele: quarenta anos bem conservados, um pouco lesados em bôrnias.

A vida de casados de ambos decorria sempre sem alterações de maior. Apenas ele sentia, momentaneamente, o desgosto tremendo de haver casado com uma mulher assim tão feia, tão feia que muita gente pasmava como podia ele suportá-la, fazer com ela vida comum.

Se enganado nunca lhe passou pela cabeça, tão seguro estava de que só ele, só ele, seria capaz de se ligar a um tal monstro.

Mas... Estas coisas de casados tem muita vez um *mas* que pesa na cabeça e de tal maneira que, um marido que se sabe enganado, ao sair à rua, quando vê alguém olhá-lo fixamente, tem a impressão de que estão a vê-lo tal *mas* que ele julgava oculto.

Pois, há dias, o X., o marido da tal senhora feia, horrivelmente feia, encontrou a mulher em flagrante delicto de pecado com um rapaz novo.

Ficou perplexo. Quem diria! O outro levantou-se precipitadamente, a tremer, a tremer, com medo dum tiro ou da sua falta de vocação para os trabalhos da arena.

Mas eis senão quando, viu o marido pôr as mãos na cintura e dizer-lhe com um ar esquisito e quasi fraternal:

— Ora o senhor, que não tinha obrigação nenhuma!

Tableau.



— O imposto que maior rendimento daria nunca existirá...
— Qual imposto?
— O imposto sobre as palavras inúteis.

A retalho...

Passagem de uma alocução proferida há dias numa festa de académicos:

«Com o lema na vida *verdade verdadeira, franqueza franca, lealdade leal, sinceridade sincera e honestidade honesta*, desfraldado na vasta arena os meus estandartes nacionalistas, a divisa do meu ideal político, ha muito idealizado; manifestei-lhes, numa espontânea manifestação, clara, claramente aberta, abertamente, as teorias novas que podem e devem salvar a nossa Patria. Foi com esta divisa, ainda gravada a letras de fé fenícia no coração, que caustiquei, caustico e causticarei a zazuca republicana-democrática.»

★ ★ ★

enganas-te. O melhor indicador da electricidade não é o vidro.

— Então qual é?
— Minha sogra!
— ?!
— Porque não ha raio que a parta...

★ ★ ★

No Jeronimo Martins, no Chiado:

— Meio quilo de chá.
— Quer verde ou preto?
— Preto, que é para uma familia de luto...

★ ★ ★

No Rossio, um *utilizado* encosta-se a «Maison Blanche» e suplica:

— Meu Santo Antonio, meu São João, meu São Pedro, ajudai-me a subir o Chiado... ate ao Bairro Alto.

Neste instante, dá um trambulhão. Levanta-se, com bastante custo, e exclama, todo impertigado:

— Mais dvagarinho, meus ricos

santinhos. Não ajudem todos a um tempo...

★ ★ ★

De um «Divagando» dum jornal provinciano:

«Na varanda de sua casa, vaga, e vagamente aclarada pela palidez do palido luar do crescente, Maria do Olival estremece ao ouvir as vibrações, vibrantes, misticas, solenes do bronze, que se perdem nos confins do azul, onde já tremulam, como brilhantes, as iluminações da corte sideral.»

★ ★ ★

Num teatro do Porto, quando do debate de uma *troupe* dramatica da provincia:

O actor que fazia o papel de rei Fernando, numa grande «tirada»:

— Grande perplexidade a minha! Não sei a qual dos meus dois filhos hei de deixar a coroa!

Um espectador das galerias, entusiasmado:

— Não te amofines, homem. Porque não divides a herança ao meio e não deixas «meia coroa» a cada um?!

★ ★ ★

Na «Brasileira» do Chiado, entre dois amigos:

— Diz-se para ai que estás atravessando uma situação afflittissima, que a tua familia está morta de fome...

— E' fantasia, meu amigo. Em minha casa está tudo farto, fartissimo.

— ?!

— E' verdade. Minha mulher está farta de mim; eu estou farto dela; os filhos fartos do pai e da mãe; os criados estão fartos de nos e nos fartos deles... Uma enorme fartura, como vês.



— Sinto um tic tac que me vem até ao braço!
— Isso deve ser o seu relógio de pulso...



— O seu filho quer ser avôsta? E tem habilidade?

— Muita, e muito bom gosto: come sempre chocolates Nestlé, por causa do 4.º concurso...

Elevador da Gloria

Ela: — Porque vais para a jante quando canto?

Ele: — Não quero que os vizinhos julguem que estas gritando por eu te bater...

★ ★ ★

No restaurant:

O freguês: — Você enganou-se na conta! São tres escudos e não catize!

O criado: — E' verdade, mas eu acrescentei a julgando que o senhor era supersticioso...

★ ★ ★

Na praia:

Amelia: — Dizem que aquelle homem que está ali é um terrivel satiro!

Adolinda: — Não creio! Mas podemos experimentar...

★ ★ ★

Depois da operação:

O doente: — A sua conta tem trinta escudos a mais. E' algum extraordinario?

O medico: — Sim, senhor! E' que muitas vezes esqueço-me das luquetas no corpo do operado!...

★ ★ ★

No palco:

O prestidigitador: — O menino já me viu alguma vez?

O joven espectador: — Nunca, papá!...

★ ★ ★

Entre irmãositos:

— Não podes beijar a criança! A mamã diz que não é higienico!

— Que tem isso! Lava-se o menino primeiro!...

★ ★ ★

— Porque razão cometeu o crime em condições tao repugnantes?

— Espanta-se? Falta de costume!

★ ★ ★

— Porque tens o automovel pinado de vermelho do lado esquerdo, e azul do lado direito?

— Para as testemunhas presenciais dos desastres não saberem a cor que ele tem!...

★ ★ ★

A parteira: — Sua mulher teve dois gemeos!

O pai, distraido: — Fico só com um!...

★ ★ ★

Entre amigos:

— Uma historia horrivel! O quarto estava ás escuras. Nisto entrou uma mulher e deu-me um be'oi!

— Julgaste que era a tua mulher?

— Era ela!

Cacharolete

Quando a vida em Portugal decorria de mansinho, era uma coisa banal o «espírito de vinho».

Mas veio a medonha Guerra, que tanta vida ceifou, e logo a seguir, a Terra, em tudo se transformou.

Lembrando todos os horrores a pobre da Humanidade quer evitar novas dores e nova calamidade.

E, então, surgiu, no horizonte, muito belo e muito fino, qual sol no alto dum monte, o «espírito genebrino».

Os espanhóis, em seus vãos, abusam dessa gracinha, e a Genebra embriagou-se...
Do mal do vinho as arduas...

O E. C. E. L. T. O. T. T. T. T. T.

Prosa do Uva-Velho

A vida do dia-a-dia não me inspira e inspirar a ninguém não é de deus para o resto de Simão da Vela, porque sei tanto, como em Ilhas e Ilhas os grandes do tempo, e para a minha desventura, a vida do dia-a-dia.

Na vida que esta seção nos apresenta, a vida do dia-a-dia, não se trata de uma história, embora seja muito do espírito genebrino, que se manifesta em todas as situações.

É a vida que no país «Benvenido», a vida dos melhores do seu tempo e perseguido dos maiores do tempo, tendo gastado tanto tempo em ganhar dinheiro, e em que se encontram os grandes do tempo, e em que se encontram os grandes do tempo.

É a vida que no país «Benvenido», a vida dos melhores do seu tempo e perseguido dos maiores do tempo, tendo gastado tanto tempo em ganhar dinheiro, e em que se encontram os grandes do tempo, e em que se encontram os grandes do tempo.

É a vida que no país «Benvenido», a vida dos melhores do seu tempo e perseguido dos maiores do tempo, tendo gastado tanto tempo em ganhar dinheiro, e em que se encontram os grandes do tempo, e em que se encontram os grandes do tempo.

É a vida que no país «Benvenido», a vida dos melhores do seu tempo e perseguido dos maiores do tempo, tendo gastado tanto tempo em ganhar dinheiro, e em que se encontram os grandes do tempo, e em que se encontram os grandes do tempo.

É a vida que no país «Benvenido», a vida dos melhores do seu tempo e perseguido dos maiores do tempo, tendo gastado tanto tempo em ganhar dinheiro, e em que se encontram os grandes do tempo, e em que se encontram os grandes do tempo.

É a vida que no país «Benvenido», a vida dos melhores do seu tempo e perseguido dos maiores do tempo, tendo gastado tanto tempo em ganhar dinheiro, e em que se encontram os grandes do tempo, e em que se encontram os grandes do tempo.

PERE LA CHAISE.

Quereis dinheiro?

Joga no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

DESSPORTOS

Uma viagem a Coimbra para ver a bola

Quando chegamos a Coimbra, os hotéis regorgitavam de povo.

A muito custo conseguimos arranjar uma mesa num hotel para ricos.

Em lugar de trazerem o almoço, os criados entretinham a debilidade de cada um enchendo a mesa de pratos e talheres.

Pratos e talheres aos montes! Mas a respeito de comer, nada!

Alguém, lá muito agastado, comeitou então voltado para o criado:

— O homem! Mais comer e menos ferramentas...

Antes do encontro, Coimbra estava coalhada de bandeiras com as cores do finalista, mas predominavam as cores do F. C. do Porto.

Depois do desastre, as bandeiras azuis e brancas desapareceram como por encanto...

Como o jogo e logo Vitor Silva ganhou por toda a parte.

E onde ele está, está o perigo para o adversário.

Uma palavra a meu pai, diz: — O Vitor Silva não é um homem. É uma jactura... É um raio...

As equipes travaram um combate entusiasmado.

Viva o Porto! — diziam os do norte.

Viva o Benfica! — afirmavam os do sul.

Viva o Arbitro! — respondiam os tripeiros, a laia do remoque...

Viva a Hungria! — gritavam os lisboetas, lembrando-se do Siska...

Antes do encontro, tomamos o pulso a alguns marechais do Bemfica.

Observamos cento e cinquenta pulsações por minuto.

Depois do jogo, fizemos o mesmo aos dirigentes do F. C. do Porto.

E observamos, desta vez, duzentas pulsações...

Vitor Silva e Waldemar Mota zangaram-se de tal modo que quasi iam chegando a vias de facto. Como se vê, os capitães dão o exemplo da disciplina...

O arbitro é sempre o maior martir! O eterno martir!

É ele, sempre, que tem culpa dum determinado club não vencer.

Depois do jogo, varios individuos, em magote, berravam:

Morra o Palhinhas! Morra o Palhinhas!

Como se vê, o arbitro, sempre o grande martir...

A noite, em Lisboa, um grupo de vermelhos cantava a seguinte quadra:

Olha o balão!
Olha o arraiol!
Viva o Bemfica,
Campeão de Portugal!

JONICA.

A COMPRA DO GRILO

Noite de Santo Antonio. A Praça da Figueira, vistosamente engalanada, era um mar de cabeças, cheia de gente, que gritava, que dançava e que se metia com as pessoas passivas.

O Elias quis nessa noite fazer uma surpresa a sua carissima esposa, a D. Vicencia, e como tinha levado toda a noite a gosar como um preto na Praça da Figueira, resolveu comprar um grilo para levar para casa. Dirigiu-se, com varios amigos, a um homenzinho com cara de menos explorador do que qualquer outro e comprou-lhe um grilo com a respectiva gaiola. A escolha foi feliz: o grilo era de boa qualidade. Cantava melhor que um cantor da ultima companhia de opera italiana que nos visitou.

Felicissimo com a compra, o Elias deu mais umas voltas pela Praça, com o grilo a trinar variadissimas canções, e o mais bem disposto possível, resolveu-se a já ir para casa quando um dos amigos reparou que o grilo não tinha uma perna.

— O Elias. Olha que o animal é aleijado, não tem uma perna.

— Se calhar foi atropelado! — respondeu um outro amigo.

— O quê? O animal não tem uma perna? — bradou o Elias aflito. — Querem vêr que o animal, entusiasmado com a cantoria, deixou-a cair aí para algum sitio. E agora onde é que nós a vamos procurar.

— Val lá ao homem, para ele te trocar o grilo, ou então que te faça um desconto no valor da perna.

E o nosso Elias lá foi ter com

o homenzinho que lhe vendeu o grilo.

— O' tiozinho, olha que você vendeu-me um grilo com uma perna a menos e eu paguei-o como se ele tivesse as pernas todas.

— Então o que tem isso! O que faz que o grilo tenha uma perna a menos?

— Ora isso! Então como ha de agora ele cantar? E eu que o queria ensinar a bater o fado! — protestava, já multissimo encoado, o Elias.

— Ora isso! É da maneira que ele canta o fado sem pernas.

A questão ja estava azeda. Muito gente de redar; os outros grilos também, protestavam, e nada de se resolver a questão. A certa altura appareceu um policia.

— O que é que vem a ser este arraiol todo? — perguntou o policia, que se queria informar.

— Foi este homem que me vendeu um grilo que já não tem uma perna. Eu agora quero que ele me troque por outro — elucidou o Elias.

— A ele não lhe faz diferença que o grilo tenha ou não tenha uma perna! — protestou o vendedor.

A questão continuava bravia, mas a certa altura o policia, para pôr ponto final na conversa e acabar com o ajuntamento, voltou-se para o Elias e gritou-lhe:

— Olhe lá. Que lhe importa a você que o grilo tenha uma perna a menos, ou deixe de ter. Você quer o grilo para cartar ou para dançar?...

MANOEL DUQUE.

Noticias do dia

Felicidade desfeita

Um carro electrico que ontem caminhava em sentido contrario pela rua Primeiro de Dezembro colheu, defronte do Café Italia, uma mulher, que ficou irremediavelmente morta e sem apelação.

A mulher, que mais tarde, devendo a pesquisas efectuadas na Torre do Tombo, se soube chamar Felicidade, ficou completamente desfeita.

No local juntou-se bastante povo, que criticava asperamente a attitude do carro electrico, por ter ficado a Felicidade desfeita, destruindo assim todas as probabilidades de voltar a realizar-se outro desastre.

Empregado recomendavel

A firma J. Agapito & Moraes da Costa, com estabelecimento de sécos e molhados na calçada da Boa-Hora, pouco mais ou menos, participa a todos os seus amigos particulares e aos comerciantes em geral que teve durante três dias, ao serviço da sua casa, um empregado que dá pelo nome de Ismael Sezifredo e que este se portou com toda a correcção, não roubando coisa que se visse da sua casa. A firma J. Agapito & Moraes da Costa, por achar este facto tão extraordinario, recommenda a toda a gente este empregado, modelo de probidade artistica, e declara mais, para os devidos efeitos, que este empregado nunca chegou ao seu emprego mais tarde do que as onze horas e pedia sempre para sair mais cedo, a pretexto de que tinha que ir ao medico.

Fica revogada a legislação em contrario.

Portaria de louvor

Foi ontem louvada pela comissão encarregada de proceder ás escavações sobre a origem do calór, uma portaria que serve para vedar a entrada do Palacio das Exposições Caninas. Essa portaria, que não deixa entrar senão quem ela muito bem quer e lhe apetece, foi louvada pelo seu esforço e trabalho. A mesma portaria foi ainda oferecido um chapéu de côco e uma gabardine, simbolo da integridade dos fiscaes zelosos e malriados.

Boas novas

No gabinete dos reporters foi ontem recebida uma caixa com uma porção de cobras completamente em bom estado de conservação. As cobras, que pertencem a especie das «boas», foram bem recebidas, tendo a mais velha das boas, num pequeno discurso, traçado o elogio das belezas naturais do nosso país, facto que sensibilizou todos os presentes.



— Onde vais passar a tua mel?

— A Paris, á Exposição Internacional.

ECOS DA SEMANA

- NA SUÍÇA ALEMÃ -

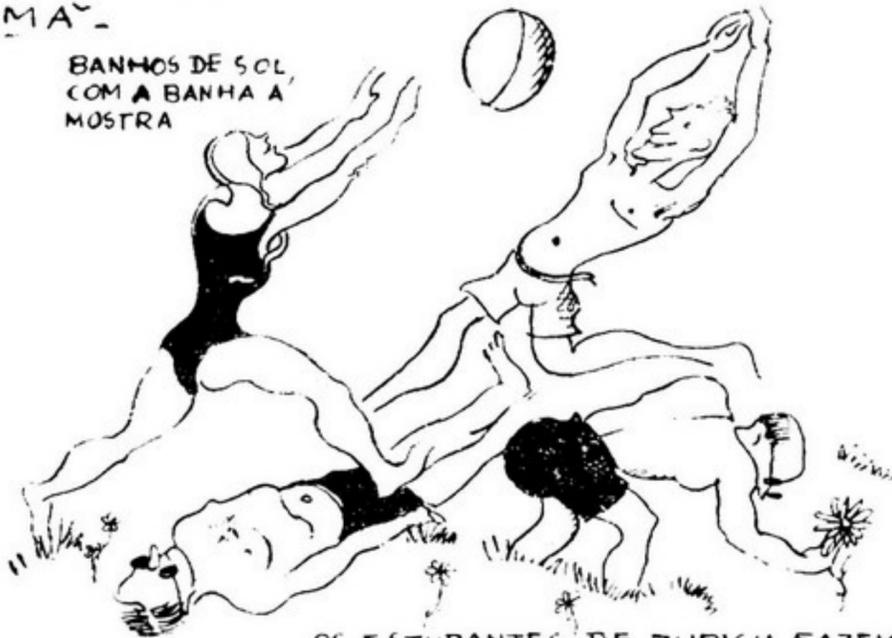
UMA SUÍSSA CAPAZ DE
PREGAR UM BIGODE A
MUITO PORTUGUES.



FÓRA AS
MEIAS...
FÓRA O
BATON...



BANHOS DE SOL,
COM A BANHA A
MOSTRA



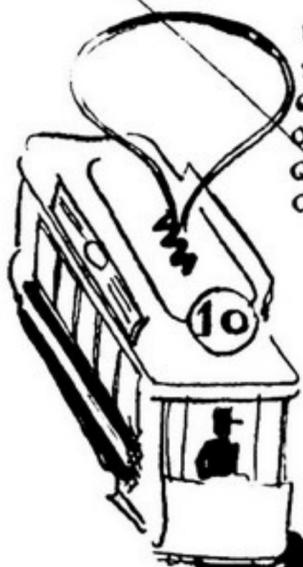
OS VENDEDORES DE
JORNALIS PARECEM
JORNALISTAS FAR-
DADOS.



OS ESTUDANTES DE ZURICH FAZEM
CALA EM TEREM GALOS ... NAS CARAS



NÃO SE SABE
SE É O "TROLEY"
QUE FAZ ANDAR
O CARRO OU O CARRO
QUE FAZ ANDAR
O "TROLEY"



EM ZURICH QUEM TEM,
UMA CEROLA DEITA-A FORA



DE SABADO PARA
DOMINGO SÃO MONTA-
NHAS DE GENTE A CAMINHO
DO GELO DAS
MONTANHAS.



BONS
MUSEUS E
CADAUM EM
SUA CASA...



À SAÍDA
LUCERNE
ZURICH
931

BOTELHO

PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO ONIM
E DO MANEGAS POR STVAR

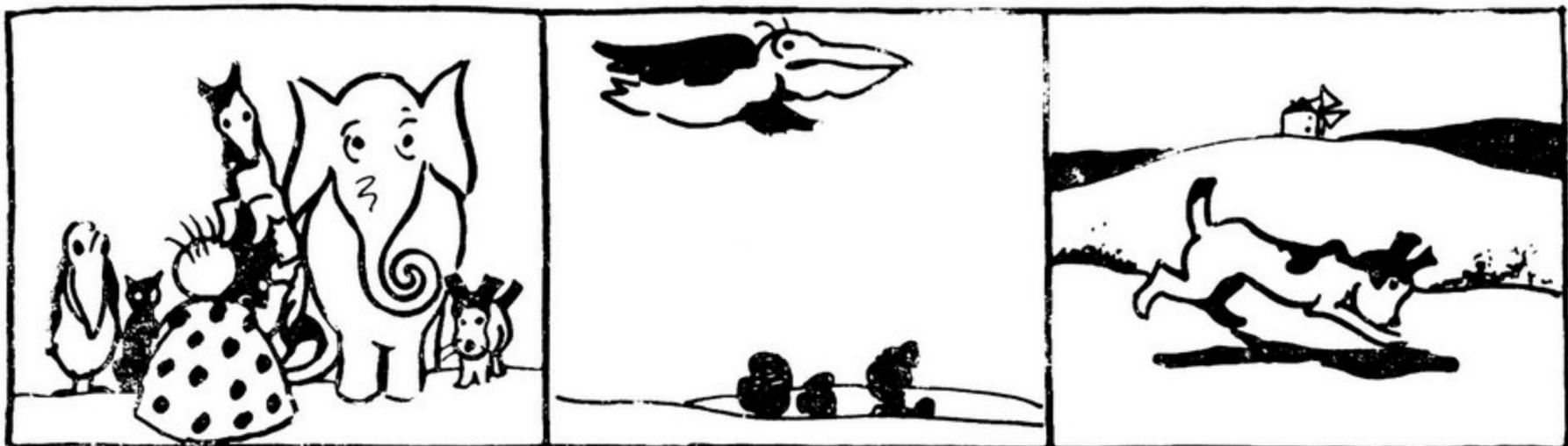
Terceiro episodio da Terceira Parte



I — Pera de Arjunça consegue fazer uma corda, arrancando pêlos da barba...

II — ...e, desta maneira, ao fim dalgum tempo de trabalho, dá às de Vila Diogo.

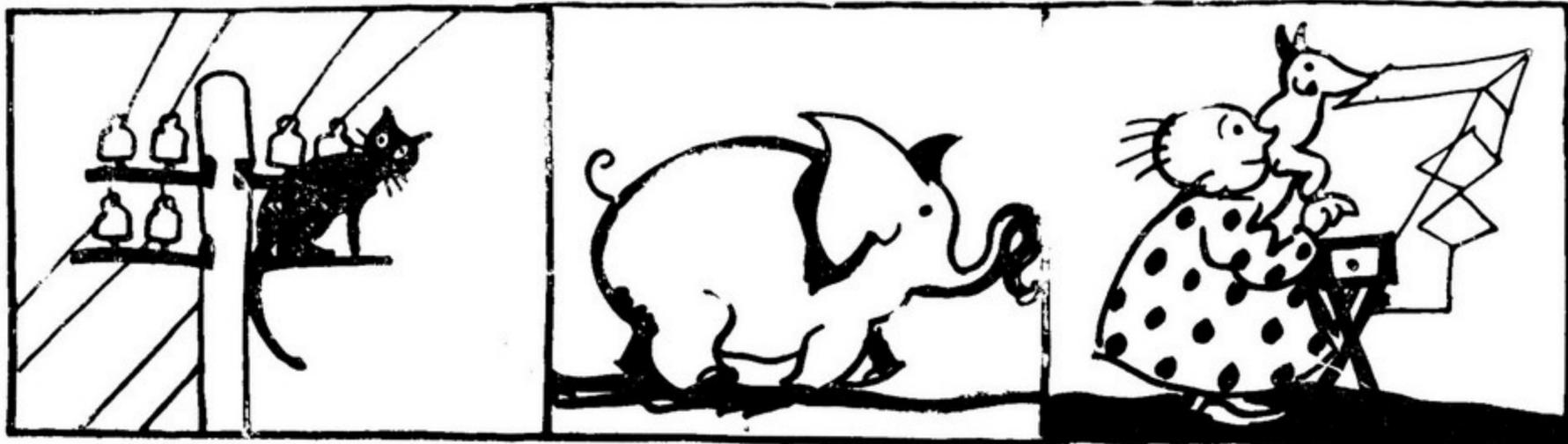
III — Manecas encontra na prisão de Pera de Arjunça uma carta cheia de ameaças...



IV — ...e reúne os seus colaboradores, pedindo-lhes todo o seu auxilio...

V — O Pelicano parte em reconhecimento...

VI — O Piloto segue o rasto de Pera de Arjunça, pelo faro...



VII — O Carochinho sóbe a um mastro dos telefones, para observar o que se passa...

VIII — O Elefante, como é mais vago-roso, mete por um atalho descendente.

IX — Manecas e o Salta-Pocinhas fazem trabalhar a telegrafia sem fios da algebeira...

(Segue no proximo numero)